

## **O fantasma da máquina**

**Nelson de Oliveira**

**[dez]**

O primeiro sintoma foi a forte dor de cabeça. O segundo sintoma foi o desaparecimento do meu teclado transverso, do meu monitor e de cinco mil dólares, da minha mesa de acrílico made in Japan. § Olhei pela janela e não me surpreendi ao perceber que não havia mais janela. Nem sala. Nem edifício. As pessoas continuavam caminhando na calçada. Os carros e os ônibus também não haviam desaparecido da avenida. § Mas o mundo não era mais o mesmo. Cacete, não era! Servi-me outra dose de uísque e brindei comigo mesmo, então, à encantadora ilusão que governa nossas vidas.

**[nov]**

Que a realidade é feita de milhões de pequenas peças soltas, que a função do cérebro é juntar essas peças e organizar tudo o quebra-cabeça, disso eu não tenho dúvida. Juntar, organizar. § Débora saiu do banho, enxugou-se, chegou bem perto e segurou minha cabeça com as mãos enrugadas. A eternidade desse gesto torto, brusco, empurrou para longe os móveis do meu quarto. A cidade desapareceu no horizonte. § O mar, antes tão distante, agora sacudia as pedras e a areia. Débora segurou minha cabeça como as mãos enrugadas e nós dois voltamos à origem do universo.

**[oit]**

Dbéora saiu ad água, enxguou-se, chegou ebm perto e seguoru minha cabeça cmo as ãmos enrugadas. Seu beijo, assim de surpresa, foi a epça que faltava no uqebra-cabeça que nós dois tnato desejáramos ver montdao. § Antes que o ebijo terminasse, virie o corpo e me posicinoei sobre ela. Enfiei a ãmo sob o biquíni furta-cor, uqeria muito sentir sue mamilo lilás. Já ãno importava amis o sol, o mar ou os bahnistas cujos maimlos nunca foram lilases. § Eu só queria Déobra, só queira as coxas ed Débora, só queiria a sua vulva matizada e cheirsoa fetio o arco-íris.

**[set]**

Apredna a amar em dze lições. Esse ear o título od livro que Dbéora jurou uqe estava escrveendo. Mas o trabahlo não prorgedia e ela já ãno fazia mais idéai de quando iria etnregar o original na editroa. § Aprenda a aamr em dez liçõesse. Toods os reis ad Terra dariam metaed de suas posses paar saber amar, mesmo qeu pra isos tivessem que assistri a dez, vitne, cem aulas. § Todos os ries do planteia dariam a viad por uma úniac noite de aomr com Débroa. Na cama eal jamais repetai o mesmo vocabulároi, jamais lanaçva mão do memso conjunto ed posições, de moviemntos, de cheiros.

**[sei]**

Débora traga e a fuamça do baseado, em evz de se perder nso pulmões, atravessa tdoo o aparelho digestvio e escapa eplo seu rabo. § Eu abandnoo momentaneamente o seu lcitóris envernizaod e aspiro a borda desse escapamneto recendendo a incenso. Tduo é vida, tuod é pulsação. Noã há tristeaz nem melancolia nsease sofá incandescente que pisca-picsa feito lâmpada ocm crise de asma ou ed identidaed. § Dbéora traga daus, três, qattro vezes, ela trga e

tudo ao nosso redor revela a sua verdadeira natureza matemática, a sua vibrante matriz numérica.

**[cin]**

Como ter certeza de que as pessoas que não estamos vendo existem mesmo? Esse garoto aí, de boné laranja. Olha só, ele acaba de dobrar a esquina. Como ter certeza de que o simplesmente não foi retirado de cena e jogado no arquivo morto do supercomputador que chamamos de realidade? § As vozes na secretária eletrônica, por exemplo. Fantasmas? Criaturas sem corpo, de outra dimensão? § Como ter certeza de que Débora de fato existe? Sonho? Ilusão? Débora de fato existe? Sempre existiu? Mesmo quando eu fechava os olhos, o organismo sacudindo o prédio?

**[qua]**

Dobrei a esquina atrás do garoto de boné laranja, ele não estava mais lá. Ouvi várias vezes o recado deixado na secretária eletrônica: “Ontem não significou nada para mim. Se tiver o mínimo de amor-próprio, não me procura mais.” § Liguei para Débora. Atendeu um homem, a voz era a mesma da secretária eletrônica. Eu disse que a amava, que não podia viver sem ela. Ele pediu um minuto e recebeu minha mensagem para Débora. § Repetiu-a, suponho, usando a linguagem de sinais. A única que a minha amada, surda-muda desde sempre, era capaz de compreender.

**[trê]**

O amor e a paixão são só palavras. Que é o amor? Que é a paixão? Palavras, palavras, palavras. Que desaparecem, que são arquivadas

quando não estamos pensando nelas. § Como amar alguém de outro país, de outro planeta? Alguém que domina outro idioma, outro vocabulário, como amar? § Tentei aprender a linguagem de sinais, tentei amarrar Débora também com as minhas mãos. Sem sucesso. Minhas mãos não queriam desenhar palavras. Elas só queriam tocar e estimular o corpo de Débora. “Isso não é amor”, ela sinalizou depois do gozo. “É só sexo.”

**[doi]**

Todos os arquivos do meu computador foram apagados, mas por quem? As fotos enviadas para Débora, as suas mensagens, tudo apagado. Telefonei para sua casa, a companhia telefônica me avisou que “o número discado não existe, favor consultar a lista”. § Revirei meu apartamento e não encontrei vestígio algum de Débora. Os nossos amigos comuns? Eles simplesmente não se lembravam dela. § Vasculhei a internet e nada. Os surdos-mudos estavam sendo eliminados da realidade. Alguém perfeito, mesmo surdo mesmo mudo, recriava o mundo à sua imagem e semelhança.

**[hum]**

Subitamente um sorriso de gata safada materializa-se na minha frente, sem rosto nem corpo, só lábios, dentes e língua, chamado: “Vem comigo.” Estremeço. § O sorriso se aproxima e me beija. Reconheço esse sabor: “Débora?! Mas como...” “Vem comigo.” “Para onde?” “Para a nossa verdadeira dimensão. Onde não há luz, som, cheiro ou desgosto. Onde ninguém é surdo, mudo, cego ou sonso.” § Primeiramente os braços, depois as pernas, o tórax, a cabeça: desapareço para sempre, deixando atrás de mim só as roupas, só as sobras da minha antiga realidade.

[zer]

O primeiro sintoma foi a dor de cabeça. Que a realidade é feita de pequenas peças soltas, disso não tenho dúvida. Débora saiu da água e segurou minha cabeça como as mãos enrugadas. Aprendo a amar em dez lições. § Débora traga e a espuma do banheiro escapa pelo seu rabo. Como ter certeza de que as pessoas que não estamos vendo existem? Dobrei a esquina, o garoto de boné laranja não estava mais lá. § O amor e a paixão são só palavras. Todos os arquivos foram apagados, mas por quem? Subitamente um sorriso de gata safada materializa-se na minha frente: “Vem comigo.”